

PROJETO DE EXTENSÃO: CONSERVADORISMO E ULTRALIBERALISMO NO BRASIL ATUAL EM TEMPOS PANDÊMICOS

AUTORES

Glauber Franco

Bacharel em Serviço Social pela UFMT Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL-UFAL
E-mail: glaubereb@outlook.com

Leonardo Santos

Assistente Social. Professor do Departamento de Serviço Social da UFMT. Mestre em Serviço Social pela UFRN
E-mail: leonardo.ms@hotmail.com

RESUMO

O presente momento histórico de acumuladas crises do capital não é só de hoje e tão pouco ficou no passado, e sim é síntese de um longo processo da sociabilidade burguesa. Na contra- hegemonia desse movimento, ideo-político e culturalmente necessário, o projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual” registrado na Universidade Federal de Mato Grosso foi pensado e está em execução em tempos de pandemia viral. O projeto, dentro desse contexto, busca contribuir para a formação dos cursistas em uma visão crítica e histórica da contemporaneidade, levando em consideração as diversas áreas de ação e atuação, ou ainda, sua graduação ou pós-graduação. O seu caráter extensionista, portanto, se insere assim, na compreensão de levar a um público maior de diferentes tipos de trabalhadores/as, tal como assistentes sociais, estudantes e professores/as, um conteúdo a partir de uma visão anticapitalista (por isso, também antiliberal e anticonservadora) em tempos pandêmicos. Tendo seu público alvo, portanto, trabalhadores/as e estudantes em geral que se interessem pela temática. Diante disso, este artigo é para a apresentação desse projeto. Dividiu-se a exposição em alguns tópicos que apresentam, por exemplo, aspectos da noção que o projeto se baseia. Tem-se que umas das principais mudanças para a realização da Extensão Universitária em meio a uma pandemia viral é o encontro remoto por plataformas digitais, uma novidade para a Universidade brasileira recente. Dentre tudo, o projeto já foi apresentado em alguns eventos acadêmicos importantes, tal como o “9º CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: Redes para Promover e Defender os Direitos Humanos”, tem uma média de frequência de 15-20 participantes por encontro e é reconhecido positivamente pelos cursistas pela bibliografia e pelos diálogos necessários. De todos os impactos extensionistas, tem-se a oportunidade pelas plataformas digitais de alcançar alguns estados do Brasil, como Alagoas e Ceará.

Palavras-chave: Liberalismo. Neoliberalismo. Ultraliberalismo. Conservadorismo.

EXTENSION PROJECT “CONSERVATISM AND ULTRALIBERALISM IN BRAZIL TODAY” IN TIMES

ABSTRACT

The present historical moment of accumulated crises of capital is not just of today and neither is it in the past, but is the synthesis of a long process of bourgeois sociability. In the counter- hegemony of this ideo-political and culturally necessary movement, the extension project “Conservatism and Ultraliberalism in Current Brazil” registered at the Federal University of Mato Grosso was designed and is being carried out in times of a viral pandemic. The project, within this context, seeks to contribute to the training of course participants for a critical and historical view of contemporaneity, taking into account the various areas of action and performance, or same, their graduation or post-graduation. Its extensionist character, therefore, is part of the understanding of bringing to a wider audience of different types of workers, such as social workers, students and teachers, content from an anti-capitalist vision (hence, also anti-liberal and anti-conservative) in pandemic times. Having its target audience, therefore, workers and students in general who are interested in the subject. Therefore, this article is for the presentation of this project. The exposition was divided into some other topics that present, for example, aspects of the notion that the project is based on. One of the main changes for carrying out the Extension in the midst of a viral pandemic is the remote meeting through digital platforms, a novelty for the recent Brazilian University. Among all, the project has already been presented at some important academic events, such as the “9th CBEU - Brazilian Congress of University Extension: Networks to Promote and Defend Human Rights”, with an average attendance of 15-20 participants per meeting and is positively recognized by course participants for the bibliography and necessary dialogues. Of all the extensionist impacts, it is the opportunity for digital platforms to reach some states in Brazil, such as Alagoas and Ceara.

Keywords: Liberalism. Neoliberalism. Ultraliberalism. Conservatism.

1. INTRODUÇÃO

A presente crise contemporânea não é recente, assim como não é de apenas uma esfera da sociedade, se restringindo, por exemplo, na esfera sanitária, como se vê no avanço da pandemia do Covid-19. E sim, articulada à sanitária, é uma crise social, política e econômica vinda de um longo processo burguês que precisa ser visto pela categoria de totalidade social concreta, a ser reconstituído teoricamente não como uma parte, mas como um todo interconexo e de muitas determinações. Este todo, para duas características, é conjuntural (crise pós-2008 e sua inflexão a partir de junho de 2013) e também estrutural (crise pós-1973-74 em diante) do capitalismo vigente.

Nesta compreensão, as categorias Conservadorismo e Liberalismo, por explicitar o caráter contrarrevolucionário da burguesia, assim como o de Ultraliberalismo, por explicitar o caráter de recrudescimento do Liberalismo e Conservadorismo burguês na atualidade, podem resgatar de maneira crítica e histórica a natureza da crise atual. Uma crise que, apesar de ser tomada de particularidades sempre novas, em suas variações temporais e nacionais, é inerente ao capitalismo, à sua estrutura, lógica e funcionalidade.

É diante disso que o projeto de extensão “Ultraliberalismo e conservadorismo no Brasil atual” tem em seus objetivos proporcionar um debate introdutório acerca das selecionadas categorias, além de uma série de conceitos, como o de fascismo e extrema-direita. Com o intuito, sobretudo, de contribuir para pensar a realidade brasileira dentro do quadro atual, muitas vezes mistificado (escondendo sua essência), fragmentado (com partes da realidade social desconexas e separadas) e irracional (objetivando a impossibilidade do conhecimento da realidade social em um caos completo) (NETTO, 1978). Todas estas características da sociabilidade burguesa em decadência desde a virada burguesa de revolucionária em reacionária-conservadora em suas diferentes nacionalidades e períodos (NETTO, 1978).

É um projeto de extensão universitária, em meio ao contexto dado, que mesmo idealizado antes do primeiro surto brasileiro da pandemia do Covid-19 em março de 2020, já é pensado com as adequações necessárias para sua implantação, seguindo as exigências sanitárias para a não contaminação e proliferação do vírus no país. Constituindo-se, desta maneira, como um projeto à distância e virtual, que faz refletir sobre metodologias de organização, exposição, diálogo e avaliação em uma conjuntura totalmente nova para a Extensão na Universidade brasileira atual.

Nisto, tem como público alvo, para tanto, os/as trabalhadores/as mais diversos possíveis que se interessem pela temática, interno e externo à Universidade como um todo. Estes que se definem em classe social como aqueles que são dotados apenas da sua força de trabalho para viver no capitalismo, assim como única classe que não explora outra para existir e detentora do projeto revolucionário socialista frente à classe burguesa. O que torna um desafio, já que une pessoas que se inserem na sociedade de diferentes maneiras, variando muito pela profissão, conhecimento e interesse.

Assim, em sua natureza de Extensão se realiza em um contexto da Universidade Pública que exige o tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão, a unidade entre Universidade e Sociedade e a luta em e pela classe trabalhadora não só contra o processo destrutivo de flexibilização, privatização e terceirização da Educação brasileira como um todo, mas a organização dos/as trabalhadores/as contra as determinações da pandemia, que desmobiliza, deprecia e fragiliza. Defesas, por exemplo, da Extensão Universitária como dimensão especial e única da formação e atuação profissional se tornam instrumento de luta.

Diante disso, para expor o projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual”, divide-se este presente artigo, primeiramente, em desenvolver o que esperar de profissionais do Serviço Social para a Extensão Universitária, visto que o projeto é essencialmente proposto e realizado por membros da categoria. Por seguinte, em mostrar aspectos da noção que se tem do Liberalismo, Conservadorismo e Ultraliberalismo no mundo e no Brasil, já que é intentado partir dessa visão de mundo e sociedade para os encontros. Para, a partir desta noção, explicar em um último momento o que é em si o projeto, seus objetivos principais, sua metodologia de execução, suas formas de avaliação e alguns resultados parciais já tidos.

2. O QUE ESPERAR DE PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?

O projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual” é organizado por membros do Serviço Social que tem uma concepção e defesa da Extensão junta às Universidades brasileiras e às legislações pertinentes aos interesses da classe trabalhadora (por exemplo, o interesse pelo custeio orçamentário da Extensão Universitária). Mas também e não só, tem uma concepção própria que ganha cada vez mais identidade social. A profissão incorpora às Diretrizes Curriculares uma dimensão de formação e atuação profissional plena, continuada e privilegiada com a Extensão Universitária, defendendo intransigentemente pressupostos ético-morais emancipadores. Tornando importante, assim, apresentar algumas noções que a profissão tem deste movimento.

A história da importância da Extensão Universitária para o Serviço Social acompanha a história das suas metamorfoses e do seu processo de luta por reconhecimento e legitimidade na formação social brasileira pós-1930, marco de início de grandes avanços e mudanças da profissão, tal como seu reconhecimento pelo Estado emergente (NETTO, 2005). São processos no âmbito do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão que se intercambiam às redefinições de Extensão nas Universidades brasileiras com a Extensão na particularidade da categoria profissional. Assim como também se intercambiam ao processo legal da Constituição de 1988, que reestruturava a Educação em um ambiente democrático, e do debate nacional, que caminhava para superar o período ditatorial militar e burguês. Afinal, todas estas esferas se afetam entre si, se constituem e se transformam em unidade.

A partir de 1980 a profissão tem significativas conquistas com a aprovação de um novo Código Ético-Moral, em 1986, e, logo depois, com a Resolução CFESS nº 273, em 1993, que trazem juntas redefinições a uma dimensão crítica, combativa e ontológica da categoria (BERTOLLO, 2021). Dando base, nestes avanços, para a formação e atuação ir além do Institucional no que dizia respeito à Extensão Universitária. Proporcionando, desse jeito, o crescimento e o fortalecimento institucional dos cursos de graduação e pós-graduação na sua indissociação em Pesquisa, Ensino e Extensão na Universidade brasileira.

Outra conquista é a aprovação da Lei nº 8.662, de 07 de junho de 1993, de Regulamentação da Profissão, que eleva ao âmbito legal as competências privativas da categoria profissional, colocando em relevo suas especialidades, competências, direitos e deveres (CFESS-CRESS, 1993). Nesta lei, por exemplo, a profissão toma um forte caráter dentro do Estado, espaço de maior atuação, por exemplo, na Educação. E, conjuntamente, a previsão na Constituição de 1988 da indissociabilidade de Ensino, Pesquisa e Extensão, reforçando o compromisso social da profissão em consonância com a Constituição Federal de 1988 (CFESS-CRESS, 1993).

O que permite, por sua vez, formar (ou avançar na formação) uma identidade da profissão na Extensão Universitária muito por conta de defender, e ter pressupostos legais para tanto, os princípios que vem edificando na redemocratização. Que são, postos pelo Código de Ética do/da Assistente Social de 1993, o da liberdade como valor ético central, da defesa intransigente dos direitos humanos, da garantia do pluralismo e, para ficar em alguns, do “Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional” (CFESS-CRESS, 1993, p. 24). A Extensão, por exemplo, vai de total encontro com o princípio ético de aprimoramento intelectual ao proporcionar, dentre tudo, um elo político-pedagógico único entre formação e atuação profissional.

Nesta dimensão ético-moral, vale ressaltar que a Extensão Universitária para o Serviço Social, dada sua praxe valorativa baseada em tais princípios, intenta em promover reflexivamente não uma prática conservadora, que mantém a sociabilidade burguesa vigente, mas sim apontada para sua superação, de maneira crítica, revolucionária e socialista (socialização dos meios de produção e da riqueza social). O que torna toda praxe objetivada pela categoria profissional um permanente impacto a sua, por exemplo, experiência extensionista.

Em meio a suas conquistas, a profissão vem experimentando concomitantemente debates e trabalhos: nos congressos e encontros nacionais e regionais das organizações e do Movimento Estudantil em Serviço Social (MESS); dos encontros e deliberações na Executiva Nacional de Estudantes em Serviço Social

(ENESSO); dos sindicatos e organizações de professores/as, tal como a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso – ADUFMAT (ADUFMAT); e, importantemente, da categoria profissional pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e dos seus constitutivos Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS's). Seria nessa totalidade de acúmulos e coletividade que a Extensão Universitária adquiriria importância para os/as assistentes sociais.

Nesse sentido, na década de 1980, ao mesmo tempo em que se tem a intensificação neoliberal no Brasil, os movimentos sociais avançam no que se denomina como a redemocratização. A profissão, nesse período, tem o “Congresso da Virada” no III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais em concretizar a renovação do Serviço Social nas mudanças que processualmente experimentaram. Tem como marco histórico a virada epistemológica de uma profissão predominantemente funcional-positivista, de forte tradição cristã e neotomista, para os germes do que seria a relação da profissão com o marxismo (NETTO, 2005). O que significa o mesmo que passar de uma profissão de raízes conservadoras, para uma profissão que define a utopia revolucionária dos/as trabalhadores/as e que utiliza do marxismo para tanto – dentre outros arcabouços e percalços, dado a pluralidade da categoria.

Para trazer dois apontamentos do pós-1980 de desafios e avanços para se pensar a Extensão Universitária e de sua importância para profissão, Bertollo (2021), de toda a sua contribuição, fala da “necessária articulação orgânica entre graduação e pós-graduação” (BERTOLLO, 2021, p. 160) para consolidar uma formação permanente e continuada. Assim como fala da “urgente luta em âmbito institucional por orçamento destinado à extensão” (BERTOLLO, 2021, p. 160), compreendendo que existe uma luta pelo Fundo Público, base financeira para a materialização de toda esta dimensão especialíssima.

Para o Serviço Social estas lutas atravessariam diferentes esferas sociais, assim como âmbitos diversos das mesmas. Teria, a partir da autora, lutas internas à categoria profissional, pensando a articulação entre graduação e pós-graduação, entre formação e atuação profissional. Também teria lutas no âmbito do Estado, pelo Fundo Público, para a materialização da Extensão Universitária. Engendrando, nisto, tanto a luta por uma Universidade pública e gratuita, financiada pelo Estado, como também uma luta por sua qualidade, que se estende inexoravelmente à inclusão da Extensão Universitária. E, no âmbito da indissociação entre Pesquisa, Ensino e Extensão, uma luta ligada fundamentalmente a compor uma unidade de Universidade e classe trabalhadora.

Nesse sentido, encerrando apenas nesses aspectos da importância de lutas e significado que a Extensão Universitária tem para o Serviço Social, parte-se que a pandemia do Covid-19 apresenta novos e aprofunda velhos problemas, sobretudo no contexto pós-1980 de marcha neoliberal (ataque a qualquer intervenção estatal em benefício dos/as trabalhadores/as), tendo a Extensão Universitária para a categoria profissional o desafio de ao mesmo tempo não aderir à flexibilização do Ensino, Pesquisa e Extensão, como também repensar e atuar novas configurações e relações frente às novas determinações.

O projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual”, portanto, vai a esse encontro. Organizado por membros do Serviço Social parte da visão de mundo de uma Extensão Universitária necessária e que, com a pandemia do Covid-19, cristaliza-se contra a Educação fragmentada, descontínua, reservada apenas às salas de aulas e contra a dissociação do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, seu financiamento, sua permanência e os valores que envolvem seu ser e dever-ser.

3. QUAIS SÃO AS NOÇÕES DO LIBERALISMO, CONSERVADORISMO E ULTRALIBERALISMO QUE FUNDAMENTAM O PRESENTE PROJETO DE EXTENSÃO?

As noções acerca do Liberalismo, Conservadorismo e Ultraliberalismo que fundamentam o projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual” são de uma liga histórica desde o século XIX, data que sintetiza as Revoluções Burguesas. É necessária tal liga, pois hoje, espírito do tempo histórico burguês, se restringem apenas a uma análise conjuntural, sem o resgate de todo seu arcabouço estrutural, processual e formativo.

A hipergenérica Era das Revoluções (Revoluções Inglesas; a Independência dos Estados Unidos; Revolução Francesa) exprime a formação de classes revolucionárias burguesas nos países ocidentais de

industrialização avançada, munidas de armas teóricas revolucionárias que as identifica e as reafirma frente ao Antigo Regime: a corrente econômica e filosófica conhecida como Liberalismo.

A consagração do “Liberalismo Clássico”, expressões teórico-políticas e filosóficas da Renascença, do mercantilista, do Iluminismo, Protestantismo e Reforma da Igreja e da processual Revolução Industrial do século XVIII e XIX, se deu em concretizar esferas do emergente capitalismo industrial europeu, na perspectiva de caracterizar “homens egoístas, frios, calculistas, indolentes e, de um modo geral, independentes da sociedade em que pertenciam” (HUNT; SHERMAN, 1986).

Processualmente, na medida em que as classes revolucionárias burguesas se consolidavam político e economicamente, transitavam e se tornavam em reacionárias- conservadoras-liberais para defender e conservar sua revolução, incorporando conexo e contraditoriamente ao Liberalismo a defesa de seu projeto societário de tipo humano burguês: o Conservadorismo (ESCORSIM, 2001).

Para Lélia Escorsim (2001), de caráter histórico, esse Conservadorismo se apresentaria, primeiramente, com uma perspectiva restauradora, anticapitalista e antiburguesa, defendendo os interesses das classes dominantes do Antigo Regime em destruição; contudo, em um segundo momento, aliado ao pensamento burguês reacionário, se torna contrarrevolucionária, sendo contra qualquer revolução, incluindo, assim, a revolução do proletariado.

Isto é, ser contra qualquer revolução em plena pós-revoluções burguesas ironicamente não seria contra as revoluções burguesas, pois já estariam consumadas. Acontece um tipo de delimitação de onde começa a história, é dizer “somos contra as revoluções, mas somente aquelas que vem depois das revoluções burguesas em diante”. Em outras palavras, o contrarrevolucionário se torna também anti-histórico (ESCORSIM, 2001).

Em diferentes formações sociais, nacionais e temporais, o liberalismo- conservadorismo-reacionarismo, pela já elevada classe burguesa ao poder político e econômico de classe social, aliava e construía linhas de forças em oposições violentas contra aqueles que nas guerras das revoluções burguesas estavam em seus fronts, a classe trabalhadora dos países europeus em seus diferentes processos históricos.

Como marco desse avanço burguês, a partir da década de 1848 a classe trabalhadora em sua forma proletariada se organizam e autonomizam politicamente em oposição à classe burguesa, expresso ideologicamente na Europa industrial pelo Manifesto Comunista de 1848, de protagonismo intelectual Karl Marx e Friedrich Engels.

Nesse sentido, tanto o Conservadorismo, em seu caráter restaurador, anticapitalista e antiburguês, para o contrarrevolucionário, como o Liberalismo, em seu caráter revolucionário, para o conservador-reacionário, podem ser explicados essa transição histórica pelo conceito de decadência ideológica burguesa (LUKÁCS, 2015).

Como um processo múltiplo e contraditório, o conceito lukacsiano de decadência ideológica burguesa (LUKÁCS, 2015) reproduz intelectivamente o que seria essa processual reversão teórica, política e ideológica da classe burguesa revolucionária em classe burguesa reacionária-conservadora-liberal contra a classe trabalhadora. Lukács (2015) expõe a tendência geral de esconder as contradições pelos ideólogos burgueses, de construir pseudo-histórias ao seu bel-prazer e, sobretudo, sua tendência geral da decadência ideológica. (LUKÁCS, 2015)

Remete-se o autor a crítica à miséria da razão burguesa ou mesmo ao disseminado formalismo abstrato-racional burguês. Que preenche, por sua vez, a crítica a separação do que seria a universalidade do homem, que ao contrário de emancipação humana total, o tipo humano burguês assenta a imagem da emancipação política como emancipação humana.

Que se Gyorgy Lukács (2015) nos reproduz essa reversão pelo explicitamento do conceito de decadência ideológica burguesa nas esferas da teoria, da política e da ideologia, José Paulo (1978) evidencia, pela consulta ao mesmo conceito, elementos gerais da decadente historicidade burguesa, que poderia se sistematizar, para o autor, em três estádios conexos.

Em um primeiro estádio, para captar um dos pontos José Paulo (1978) analisa, a burguesia teria o mundo como cognoscível e as ciências naturais e sociais como fermentos científicos e históricos para os

problemas concretos e universais do homem, na criação teórica, ou mesmo espiritual, das burguesias revolucionárias.

Contraditoriamente, em um segundo estágio, tendo como marco 1848, ao proletariado se colocar autônomo e politicamente na luta de classes opostamente à burguesia, esta última converte e enclausura o que antes para seu pensamento era: cognoscível em agnosticismo; e o que antes era universal em especialização do conhecimento para a defesa do que positiva e, portanto, não critica seu sistema sócio-econômico. Ou seja, a burguesia vai da transição da reação contra o conservadorismo aristocrático ao seu extremo oposto, o operário inglês.

Já em um terceiro estágio, encadeado 1848 a mais ou menos 1880-1890, com o refluxo das organizações e lutas operárias, o autor explica que com a emergência do imperialismo se apresenta um terceiro caminho às propostas já das inegáveis conquistas proletárias e o medo burguês decorrente disto: o apassivamento pela recusa do materialismo e do idealismo. As burguesias, constatadas nesse terceiro caminho de sua indefensável sociedade, se propõem: na esfera ideológica, o irracionalismo e, ao nível da epistemologia, a objetividade dos mitos. Isto é, dado a impossibilidade da defesa ideológica e epistemológica da sociabilidade burguesa, a sua sobrevivência se daria pela criação de mitos, raça e nação, por exemplo; e o irracionalismo, com a destruição da razão em sua decadência, hiperespecialização do conhecimento e agnosticismo, por exemplo.

É no recrudescimento dessa decadência ideológica burguesa que, na necessidade burguesa de sua constante expansão de sobreviver sob suas crises (perpétuas), a unidade contraditória da universalidade europeia com a particularidade brasileira se entrelaça por hiperativos categóricos contínuos ao conservadorismo-reacionarismo-liberalismo por muitas das suas faces e formas ao entrar no século XX. Dentre elas, o neoliberalismo da Escola Austríaca de Economia (com grande propositura de Ludwig Von Mises) e muito da sua fasticização, organizados, por exemplo, pelo vendamento da luta de classes pela direita política.

Encontra-se na particularidade brasileira um concreto sincretismo e hibrismo da formação cultural, ideológica e do pensamento social brasileiro na relação do capitalismo europeu e norte-estadunidense. Necessitando ampliar, nisto, seus mercados imperialistas e, para tal objetivo, transformar o Brasil em um território de exploração e extração.

De todo, Iasi (2020) analisa essa transição sincrônica e híbrida do século XIX ao XX, perdurando suas radicalidades lentas e conservadoramente. Diz que no centro do sistema capitalista, que na época era o capitalismo europeu, “o conservadorismo transita de uma reação aristocrática que se confronta com a ordem burguesa nascente para uma reação burguesa diante da emergência do proletariado” (IASI, 2020, p. 5). Já no Brasil, diferentemente, tem-se “uma oligarquia que se aburguesa e se alia à velha ordem colonial e escravista contra a maioria da população em uma contrarrevolução preventiva e permanente” (IASI, 2020, p. 5).

Consumado as estruturas, lógicas e o modo de produção e reprodução capitalista brasileiro em seu estágio monopolista e imperialista, em articulação indissociada ao conservadorismo, promove-se um novo momento de neoliberalismo catalisado, o ultraliberalismo.

No final do século XX, o ultraliberalismo não só reproduz as diferentes lutas burguesas contra os trabalhadores, tal como a desorganização, rebaixamento salarial, desmonte da Seguridade Social (a depender das formações particulares de cada Estado-nacional) dos/as trabalhadores/as. Mas também, “Há dois objetivos centrais nessa investida “ultraliberal”, quais sejam: radicalizar o ideário de “Estado mínimo” e operacionalizar um ataque à espaços de participação democrática e popular” (SANTOS, 2020).

Conforme Santos (2020, p. 100), em específico a Ludwig Von Mises como representante neoliberal de relevo, duas são as características que tendencialmente unem neoliberais e extrema-direita no Brasil: o “estado mínimo” (tão somente o “estado mínimo” para o social) e o antidemocratismo e anticomunismo.

Disto, é importante de se explicitar que para a particularidade brasileira recente, de características fascistas em Bolsonaro e de intensificação ultraliberal e avanço da direita e extrema-direita, o neoliberalismo vem desde suas reformulações específicas pelo Mont Pèlerin (Friedrich Hayek, Milton Friedman, entre

outros) da metade do século XX. Suas formas históricas estariam mudadas formas em todo o século, variando com os interesses das burguesias.

Desta maneira, são nestas noções da concepção crítica do Liberalismo, Conservadorismo e Ultraliberalismo que o presente projeto de extensão se baseia para proporcionar aos cursistas bibliografias afins de dialogar em coletivo, viabilizando a teoria a diferentes tipos de trabalhadores/as sem perder a profundidade.

Observando, por sua vez, o caráter de decadência ideológica burguesa que deve ser chamado a atenção para a compreensão da contemporaneidade e que, em sua dada medida, perfaz as dificuldades que um projeto de extensão tem em se realizar. Referencia-se, nisto, ao tipo de emancipação que a sociabilidade burguesa objetiva, uma emancipação parcial, que ignora toda a complexidade humana. Ou quando não ignora, se concentra em explorar sua vitalidade. Por exemplo, uma burguesa que movimenta em totalizar uma Educação parcial, fragmentada e formal, que considera, consecutivamente, a Educação separada da Economia, as partes separadas do todo e a forma em detrimento do conteúdo no objeto do mais-valor (excedente produtivo usurpado e não pago ao/a trabalhador/a).

Resgatar que o Liberalismo e Conservadorismo burguês vem se apresentando com novas vestes, vem se objetivando no irracionalismo, nos mitos, na hiperespecialização do conhecimento e no agnosticismo, além dessa explicitação corroborar para uma visão rica e multifacetada da Extensão Universitária como natureza de ser do projeto de extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual”, é conteúdo ofertado aos cursistas, objetivando sua formação nessa visão de todo.

4. O QUE É PROJETO DE EXTENSÃO “CONSERVADORISMO E ULTRALIBERALISMO NO BRASIL ATUAL”?

Em meio ao exposto sobre a Extensão Universitária para o Serviço Social e as noções teóricas que se intenta disponibilizar para ser debatido coletivamente, são nestas bases que o projeto de extensão “Ultraliberalismo e conservadorismo no Brasil atual” foi criado como remanescente de grupos de estudos realizados anteriormente sobre a temática no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso.

Idealizado e coordenado por membros do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso, teve como base a dissertação de mestrado em Serviço Social intitulada “Ludwig Von Mises como arma política da extrema direita brasileira”, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2018.

O projeto na forma de curso é dividido em quatro módulos, com duração média de um semestre cada um: 1. “Curso Liberalismo, neoliberalismo e ultraliberalismo”; 2. “Curso Conservadorismo, fascismo e extrema-direita”; 3. “Crise econômica mundial; e, formação sócio-histórica brasileira”. Totalizando, assim, uma carga horária total de 760 horas.

O projeto é pensado desta maneira, em cursos, a fim de diminuir a intensidade e de dar tempo para a maturação das leituras de cada encontro. Os cursos, sobretudo, são pensados no cenário atual de avanço da ansiedade, estresse e depressão por causa das determinações da pandemia do Covid-19 e a sobrecarga dos/as trabalhadores/as em geral, que são o público alvo, tal como profissionais da Educação. Portanto, cursos mais amenos, que são separados e independentes, mas que se explicam também.

Nos cursos tem a pretensão de dialogar junto com as categorias os conceitos de "liberalismo", "neoliberalismo", "ultraliberalismo", "conservadorismo", "extrema-direita" e "fascismo", relacionando-os entre si e pensando as diferentes compreensões dentro do materialismo histórico-dialético (método de tradição em Karl Marx). Com destaque, em especial, para questões particulares da formação sócio-histórica brasileira, tais como a revolução burguesa, as características do Estado e a crise vigente.

O projeto se dá no objetivo geral de proporcionar um curso introdutório sobre tais temáticas partindo da compreensão da crise que assola o capitalismo mais intensamente desde 1970. Colocando em relevo, por isso, seus elementos contraditórios fundamentais, isto é, de estrutura e formação capitalista, forças produtivas e relações sociais de produção, valor de uso e valor de troca da mercadoria burguesa. Para tanto, tem os

objetivos específicos de apresentar alguns conceitos e aspectos necessários para o entendimento da temática, dialogando sobre os elementos particulares de nossa formação sócio-histórica.

A escolha do acervo bibliográfico, nesse sentido, inicia-se desde referências que discutam o “Liberalismo Clássico” na Europa do século XVIII e XIX de capitalismo industrial emergente. Perpassa-se sua atuação histórica com o Conservadorismo e suas metamorfoses nos mesmos séculos, até textos que nos subsidiam debates da mundialização do capitalismo europeu e norte-americano para as Américas e suas formas neoliberais e ultraliberais no século XX. Indo, por fim, com atenção na particularidade brasileira atual de crise do capital, em bibliografias selecionadas que dão suporte conceitual para a explicação do fascismo, da extrema-direita e do ultraliberalismo no estágio de capitalismo monopolista e imperialista no século XXI.

Por exemplo, introduz, nos textos chaves, o capitalismo industrial europeu nas grandes transformações que a Europa passava no século XVIII e XIX, o livro de Hunt e Sherman, “História do pensamento econômico”, de 1986, analisa os credos (credo econômico, credo político, credo psicológico) e teorias (teorias da população) do Liberalismo Clássico e o capitalismo industrial europeu em emergência conjuntamente ao Conservadorismo Clássico. Da mesma maneira que também introduz a discussão sobre o cenário mundial e atual, com a obra de Florestan Fernandes, “Poder e Contrapoder na América Latina”, de 2005, para introduzir o conceito de fascismo e de extrema direita em suas formas modernas na perspectiva do movimento de mundialização da reação do neoliberalismo em promover a nova divisão internacional do trabalho de hegemonia financeira e imperialista na América Latina.

Para tanto, tem-se como metodologia a organização quinzenal de encontros a partir dos serviços da plataforma digital do Google Meet, visto a necessidade sanitária de distanciamento físico social em tempo de pandemia viral. Deste modo, faz-se exposições dinâmicas, as quais é possível dialogar sobre o material bibliográfico disponibilizado para cada encontro em redes virtuais.

Os encontros, em geral, começam com a exposição por algum membro do grupo executor da literatura selecionada, as vezes usando slides, as vezes apenas oral (no caso, no virtual). Na exposição, é sempre avisado que intervenções, comentários, críticas e todo tipo de contribuições são esperadas e importantemente necessárias. A dialógica, a contraposição e a pluralidade devem ser (de dever-ser) hiperativos categóricos. Depois da exposição, há um debate com todos os cursistas das suas impressões do texto, o que vem carregado com associações ao seu cotidiano pessoal e profissional. Por exemplo, associa-se frequentemente os conceitos de extrema-direita com os ataques neoliberais atuais e conjunturais, tal como, por exemplo, os impactos negativos que a reforma trabalhista traz às atividades profissionais dos cursistas, frequentemente abordado.

De todo o esforço até os dias de hoje, são em torno de 70 cursistas, tendo uma média de frequência de 15-25 participantes por encontro e dentre 80-110 inscritos em cada curso, sendo 3 cursos o almejado pelo projeto. Os cursos abrangeram pessoas de diferentes estados federativos e públicos diversos, tendo somente avaliações positivas dos cursistas, tal como o reconhecimento da necessidade da bibliografia proporcionada no cotidiano profissional e/ou acadêmico.

O que se torna relevante, sobretudo, são os diferentes espaços que cada cursista ocupa na sociedade em geral, abrangendo não só territorialmente em diferentes estados federativos, mas por sua diversidade de diferentes inserções sociais, como professores/as, estudantes e membros dos movimentos sociais.

Dentre todos acúmulos mensuráveis, o grupo apresentou o projeto de extensão na “XII Mostra de Extensão da UFMT/Tema Conexões”, no “9º CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: Redes para Promover e Defender os Direitos Humanos”, entre outros encontros. A intenção é sempre quando oportuno apresentar em simpósios, eventos, mesas dialogadas, entre outros espaços, e fazer ser conhecido o projeto com seus princípios a serem realizados, promovendo a Extensão Universitária e defendendo a formação da classe trabalhadora.

O grupo executor pôde produzir avaliações a partir de perguntas aos cursistas pelo aplicativo Google Formulários, que foi elaborada com o intuito, sobretudo, de aperfeiçoar coletivamente as propostas extensionistas. E, também, a partir de encontros do grupo executor pelo serviço do Google Meet. Perguntas

de como se avaliou os cursos do projeto, as datas e horários, as bibliografias, a permanência nos encontros, a regularidade nas leituras, as dinâmicas, entre outros, foram questionadas e dialogadas.

Em geral, muito do que se avalia negativamente da experiência extensionista universitária em tempos pandêmicos foi a percepção de um certo esgotamento da modalidade, a presença nos encontros era processualmente diminuída até conseguir uma média de 15-20 participantes contra a média inicial de 20-30. Foram relatados muitos problemas com áudio e vídeo, com internet, com computador e aparelhos eletrônicos em geral. Pode observar negativamente também muitas vezes a falta de participação dos cursistas, que em alguns encontros não comentavam sobre o texto e não participavam, não sendo um aspecto geral do curso, apenas pontual. Nesse quesito negativo, percebe-se diferentes graus de percepções da bibliografia proposta e, por isso, umas se evidenciavam mais que outras a depender do encontro. Ainda nesse quesito, a falta de tempo pela sobrecarga dos cursistas em estudar e trabalhar ao mesmo tempo impossibilitava as leituras para os encontros e, por causa disso, a falta de participação. Por outro lado, é notório que o ambiente virtual e à distância foi vantajoso por ter conseguido abranger e reunir diversos públicos de entes federativos distantes, tal como Alagoas, Mato Grosso, São Paulo e Ceará.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se de especial atenção a Extensão Universitária para o contexto atual de pandemia viral, que longe de ser apenas sanitária, agudiza e explicita a crise econômica, política e social em recrudescimento desde o pós-1980, marco do avanço neoliberal no Brasil. Isso porque, além da pandemia do Covid-19, entende-se que a estrutura capitalista e seus processos que permitem e potencializam as múltiplas destruições estão em curso a muito tempo e se juntam a uma crise total da sociabilidade burguesa, fazendo valer seus hiperativos ético- políticos e status quo.

Contudo, tem-se que não se deve ter apenas uma simples atenção à Extensão Universitária, e sim uma defesa que se funde em pressupostos ético-políticos que vão ao encontro da classe trabalhadora, produtoras de toda a riqueza social e detentora da utopia da revolução social. O que significa uma defesa de Extensão Universitária que crie condições para se ver a realidade de maneira total e criativa, sendo preciso levar em consideração a historicidade e as múltiplas determinações que estruturam e formam a sociabilidade vigente em seus processos, sendo esta burguesa e decadente.

Desta maneira, tal necessidade vai ao encontro e constrói o projeto extensão “Conservadorismo e ultraliberalismo no Brasil atual”, em que, organizado por membros do Serviço Social, objetiva apresentar selecionadas categorias que expliquem a realidade social contemporânea de maneira mais aprofundada e com base na noção de Extensão Universitária combativa ao capitalismo e sua defesa teórica neoliberal.

Para isso, tanto a natureza bibliográfica proposta e do curso em si, como de toda a normativa que o Serviço Social traz como código ético-moral, baseia-se sempre impactos valorativos nos princípios de defesa de uma Educação livre, emancipadora e combativa. Sendo, a fim de efetivar isso, preciso defender a Extensão Universitária no tripé com o Ensino e a Pesquisa.

Por fim, a fundação, a pequena trajetória, a organização, a metodologia, os encontros, os textos selecionados e os objetivos almejam ir ao encontro da classe trabalhadora, em suas sucessivas aproximações, de idas e vindas, de continuidades e descontinuidades.

6. REFERÊNCIAS

BERTOLLO, Kathiuga. **Extensão universitária e curricularização da extensão: considerações sobre a formação em serviço social.** Ouro Preto/MG: Alemur, 2021, vol. 6, p. 148-163.

CFESS-CRESS. **Código de Ética dos/das Assistentes Sociais.** 10 Ed. Rev. e Atual. Disponível em: https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf. Acessado em: 19 abr 2022.

ESCORSIM NETTO. Leila. **O conservadorismo clássico.** Elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.

FERNANDES, Florestan. Notas sobre o fascismo na América Latina. In: Fernandes, Florestan. **Poder e Contrapoder na América Latina**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. O liberalismo clássico e o triunfo do capitalismo industrial. In: **História do pensamento econômico**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

IASI, Mauro. **Os intelectuais e a decadência ideológica**. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/16/os-intelectuais-e-a-decadencia-ideologica-por-mauro-luis-iasi/>. Acessado em: 28 abr 2021.

LUKÁCS, Gyorgy. Marx e o problema da decadência ideológica. In: VEDDA, Miguel et al. **Anuário Lukács 2015**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós- 64**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Lukács e a crítica da filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978.

SANTOS, Leonardo Moreira dos. “Ultraliberalismo” no Brasil atual. Disponível em: <https://www.adufmat.org.br/portal/index.php/comunicacao/noticias/item/4385-ultraliberalismo-no-brasil-atual-leonardo-santos>. Acessado em: 02 fev 2021.

_____. **Ludwig Von Mises como arma política da extrema direita brasileira**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018.